



DOI: 10.26512/emtempos.v22i42.51995

EDITORIAL

Rebeca Mylena Gouveia de Lima Borges

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de
Brasília

<https://orcid.org/0000-0001-5647-6639>

Maria Clara Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de
Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-6972-1805>

É costume dizer que o tempo voa quando se tem muito a fazer. E, nós, como Conselho Editorial da Revista Em Tempo de Histórias, definitivamente vimos o tempo voar neste ano de 2023. Estamos em fins de dezembro e é com muita alegria que apresentamos aqui o nosso mais novo número. Neste novo capítulo, após duas décadas de jornada, é tempo de enfrentar novos desafios. A partir deste número, a revista abraça o volume como o ano civil de cada edição, abarcando todos os anos de sua existência. Inauguramos o Volume 22, Número 42, na esperança e no esforço de que nos aguardem mais duas décadas à frente. Que, como os predecessores, possamos florir ainda mais este caminho para aqueles que estão prestes a percorrê-lo.

Durante esse ano muito foi feito: reformulamos a composição do Conselho Editorial, renovamos a identidade visual da revista, e otimizamos a publicação dos artigos submetidos. Foi um ano importantíssimo, do qual sempre lembraremos com muito orgulho e carinho. E nesse fim de dezembro que já anuncia a chegada de janeiro e de um novo ano, estamos radiantes por tudo o que 2024 nos reserva como revista.

Uma revista se tece com mãos, corações e coragem entrelaçados. A generosidade de Luísa Café, dedicada servidora do portal de Periódicos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, foi um guia fundamental durante nossa transição, proporcionando organização e efetividade. Em todas as reuniões e treinamentos, sua contribuição nos ajudou a entender cada elemento que compõe um editorial acadêmico.

Os Professores Tiago Almeida, Tiago Gil, José Inaldo Chaves, André Cabral Honor e Bruno Leal, que embarcaram conosco em uma chamada para novos membros, suas palavras assertivas ecoam sobre a importância da permanência e continuidade dos periódicos. E a equipe de comunicação do Instituto de Ciências Humanas, em especial, Luiz Henrique de Souza Cella, o designer que acolheu nossas ideias para a remodelação da nossa identidade visual, trouxe um olhar atento ao propósito de nossa revista: ser plural e aberta, divulgando ciência além dos limites universitários. Nathanael Martins Pereira, mestrando e colega do Programa de Pós-Graduação em História, que mediou as reuniões de criação do ICH com a ETH, nosso agradecimento por seu comprometimento com a divulgação científica. Nosso estimado coordenador do PPGHIS, Luiz César de Sá, pelo suporte constante e afabilidade que permeiam nossos passos.

Como historiadores, somos plenamente conscientes de como o passado informa o presente. Afinal de contas, é a relação entre os dois e o fascínio pela reminiscência que nos move a nos dedicar ao estudo da história. Vivenciar o presente é inevitavelmente reconhecer o passado que nos trouxe até aqui; e é também se preparar para o futuro. E é nesse sentido, historicamente orientado, que expressamos nossa mais imensa gratidão àqueles que, num passado não tão distante, prepararam o caminho que hoje trilhamos. Pedro Eduardo Batista, antigo editor-chefe, e que agora felizmente podemos encontrar pelos corredores da universidade lecionando, nossa imensa admiração e gratidão. Lelisson, por seu amparo e anos dedicados ao nosso periódico. E à nossa querida Mariana Mesquita, sem cuja ajuda essa transição seria impossível, nossa sincera estima.

Como na gestão anterior, nosso novo Conselho Editorial é formado por estudantes do nosso PPGHIS, e inclui mestrandos e doutorandos talentosos e dedicados, cujo maior interesse é ver a Revista Em Tempo de Histórias ativa e relevante no contexto acadêmico brasileiro e internacional. Somos, agora, o presente da revista, e tudo que podemos esperar é que nosso trabalho seja digno da importância institucional e acadêmica do periódico que estamos gerindo. Nossa editora-chefe, Maria Clara Silva, tem sido nada menos que excelente em sua condução diligente e inspiradora da revista, o que certamente se traduz no trabalho dos demais membros do Conselho Editorial. Alexandre de Carvalho, com sua incrível capacidade multitarefas, cuida de atas de reunião, diagramação, revisão, e tem sido fundamental desde o primeiro dia. José Marcos Flor foi de uma ajuda primordial sobretudo com a organização de nossos arquivos e documentos, bem como na condução dos artigos submetidos. Rafael Santanna, com sua diligência exemplar na edição dos artigos e contato com os autores. Rebeca Gouveia, que escreve, em conjunto com a Maria Clara, este editorial, também nos agradeceu com a capa de nossa primeira edição e a revisão de algumas traduções em língua inglesa dos artigos aqui constantes. E membros recém-adicionados ao Conselho já se fizeram essenciais em pouquíssimo tempo, o que nos anima intensamente: Mateus Vilela, nosso mago do design e dos posts; Bruna Ferreira, indispensável na diagramação e organização do periódico; e Isabela Fechina, que nos presenteou sobretudo com planilhas e tabelas bem estruturadas, e que são a alma de toda a nossa organização como grupo.

Aos muitos autores que confiaram em nós ao submeterem seus artigos, e aos pareceristas que realizaram avaliações competentes e atenciosas, queremos expressar nossa admiração. Sem vocês não haveria revista, tampouco, haveria produção historiográfica. Certamente, aos diversos leitores que mergulharão no número 42, desejamos que encontrem um trajeto repleto de *histórias*.

Após expressar nossa gratidão a todos que contribuíram para o florescimento deste número, juntamente com a apresentação do novo Conselho Editorial e a clareza dos novos rumos da ETH, adentramos agora nos artigos que compõem esta edição. O primeiro artigo deste volume é também voltado ao recorte temporal mais longínquo. Em “A difusão da figura lendária de Alexandre, o Grande através do Romance Grego e sua relação com o conto maravilhoso,” a autora Stephany Guedes Krause, mestre em Metafísica pela Universidade de Brasília, nos convida a repensar uma das maiores figuras da Antiguidade, quicá a maior, através das categorias literárias de Vladimir Propp em sua “Morfologia do Conto Maravilhoso.” É decerto uma leitura recomendável a todos os interessados em história antiga e literatura; e aos neófitos no tema, pode ser um belo e instigante convite.

Ainda falando sobre Antiguidade, temos ainda um outro artigo dedicado ao período. O autor Gabriel Melo de Paula, também mestre em Metafísica pela UnB, nos oferece uma formidável introdução à literatura apocalíptica judaica do Segundo Templo. Em seu artigo “As tradições apocalípticas sobre Jesus de Nazaré e a Teologia dos Dois Poderes no céu,” ele nos apresenta todo um universo de relatos de experiências visionárias típicas da apocalíptica judaica que, no mínimo, desafiam o senso comum que tende a consagrar o judaísmo antigo como necessariamente monoteísta. Como demonstra o autor, o uso polêmico do conceito de Dois Poderes no céu, tal qual mobilizado por rabinos do segundo século, também tem muito a nos dizer sobre a memória histórica construída em torno da figura de Jesus de Nazaré. Temos aqui uma boa pedida para quem se interessar por história literária e teologia histórica do judaísmo e do cristianismo primitivo.

Um terceiro artigo desta edição se relaciona, de certa forma, ao cristianismo e seus desdobramentos políticos. Tulio Magalhães Rodrigues, doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, nos instiga a examinar o passado recentíssimo da política brasileira a partir do crescimento de movimentos conservadores de direita no cenário público. Em “A New Right e a Influência Política na Religião: Apontamentos sobre o Ativismo Religioso na Política Brasileira,” o autor traz à luz as dinâmicas de influência entre os contextos políticos americano e brasileiro e a crescente moralização da política como sintomas de um crescimento progressivo da direita conservadora no Brasil nos últimos anos, em especial liderada por movimentos de orientação neopentecostal. Trata-se, afinal, de um diagnóstico preciso da conjuntura política brasileira especialmente desde 2016, decerto fruto de uma pesquisa responsável e diligente dos principais aspectos relacionados a tal contexto, como a influência norte-americana e o uso extensivo de meios de comunicação, da TV às redes sociais. Um ótimo exercício interpretativo da história política recente do nosso país, bem como de nosso papel diante dela.

Adentrando a seara de História do Brasil, somos agraciados com o artigo de Natalia Cristina Granato, doutora em sociologia pela Universidade Federal do Paraná, intitulado “As legiões revolucionárias do Paraná e a oposição tenentista ao interventor Mário Tourinho.” A autora nos introduz às dissidências políticas que caracterizaram a organização política tenentista no Paraná de 1930. De Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas, documentos presentes nos arquivos do CPDOC-FGV são aqui trazidos à luz de modo que nos sentimos transportados ao contexto local do Paraná em uma das mais turbulentas décadas de nossa história republicana.

Em se tratando de Brasil, um artigo também importantíssimo é o de José Ferreira Júnior, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, por quem somos reapresentados à beleza da tradição nordestina da literatura de cordel e seu potencial pedagógico. “Entendendo o Hoje Social Brasileiro mediante conhecimento de seu Ontem Histórico: O Cordel como ferramenta pedagógica no Ensino de História,” é sobretudo um lembrete do poder emancipador da literatura. Analisando o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história, o autor nos instiga a repensar a relação entre presente e passado, sociedade e história, nos agraciando com exemplos reais de práticas educativas que consagram o lugar do cordel nas experiências culturais de crianças e adolescentes brasileiros. Leitura indispensável para professores e demais profissionais da educação!

Professores se sentirão bastante representados com a presente edição, pois o artigo anterior era somente um dos materiais que lhes interessam diretamente. Anderson da Silva Bispo, mestrando em Ensino de História da também Universidade de Pernambuco, nos presenteia com seu artigo dedicado à formação de professores. Em “Educação das relações étnico-raciais e formação inicial de professoras/es - questões para o currículo”, ele encaminha a imprescindível discussão sobre a qualificação dos profissionais de ensino para lidar com situações de discriminação racial no contexto de sala de aula. Através de uma análise de ementas de cursos de graduação de instituições de ensino superior no estado de Pernambuco, o autor traz luz ao complexo desafio de promover uma pedagogia antirracista, especialmente a nível curricular. A necessidade de uma permanente “vigília político-pedagógica” pela educação anti-discriminatória é, assim, um coro que o autor convida todos os leitores a entoar.

E aqui vai uma sugestão pedagógica: no artigo seguinte temos um ótimo estudo do poder das imagens na constituição do discurso histórico. Em seu artigo intitulado “Em Busca da África no Brasil: o olhar etnográfico de Pierre Verger sobre a São Luís negra,” o autor Alvaro Neto, mestrando da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no Programa de História e Cultura da Amazônia, nos oferece um estudo primoroso da produção do fotógrafo francês Pierre Verger sobre a São Luís de 1948 e suas ricas manifestações de africanidade. Uma análise formidável sobre o potencial etnográfico da fotografia na valorização da cultura afro-brasileira que se segue. E com ela um infinito campo de possibilidades metodológicas e interpretativas sobre as relações culturais entre Brasil e África no passado e no presente. Embora o teor principal do artigo não seja pedagógico, não conseguimos resistir à ideia de utilizar a história da fotografia como ferramenta didática na educação de relações étnico-raciais, como dito no artigo anterior, o que torna ambos os trabalhos ainda mais interessantes.

Ainda no campo do ensino de história, ou, nesse caso, da história do ensino no Brasil, temos então o artigo de Peterson da Silva e Lavínia Schwantes, ele doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e ela pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. Em “Composição de uma história do ensino de biologia pela análise da legislação brasileira,” ambos os autores nos fornecem uma investigação das condições que possibilitaram a constituição do ensino de biologia no Brasil, através do exame de um conjunto de leis, cartas, alvarás, e outras normas do Brasil Império (1822-1889). Fazendo referência ao método arqueológico de Michel Foucault, os autores analisam a criação de espaços dedicados ao estudo e à divulgação das Ciências Sociais ao longo do século XIX, bem como a adição de disciplinas curriculares em instituições como o Colégio Pedro II, por exemplo, além, finalmente, da mobilização de pesquisadores especializados e demais interessados nas ciências. Os três elementos, que os autores elencam como eventos segundo a nomenclatura foucaultiana, compõem o fio condutor da análise feita no artigo.

O estudo da biologia no Brasil muito se relaciona ao tema do artigo seguinte, de Poliana Orosa Rodrigues, mestranda em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Em “Epidemias de varíola na América Portuguesa: uma análise dos registros históricos,” a autora nos apresenta as cartas de missionários da Companhia de Jesus, e demais crônicas, cartas e documentos avulsos pertencentes ao Projeto Resgate

da Biblioteca Nacional, e acaba por instigar-nos, como recém-saídos de uma pandemia global, a imaginar o contexto de disseminação de doenças há séculos atrás, especialmente da varíola na América Portuguesa. Além disso, a autora nos traz um debate interessantíssimo acerca da multiplicidade de fontes e registros disponíveis para pesquisas concernentes à história das epidemias e doenças no Brasil.

Temos, nesta edição, um volume rico e diversificado de artigos. De Alexandre, o Grande a Jesus de Nazaré, de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas, da literatura apocalíptica do segundo século à tradicional literatura de cordel, da fotografia francesa às crônicas e legislaturas do Brasil Imperial, da história da África em sala de aula à formação de professores. Está diante de nós um volume variado de artigos que expõem, afinal de contas, a diversidade que buscamos com o próprio periódico.

A Revista Em Tempo de Histórias se configura, acima de tudo, como uma revista discente cujo principal objetivo é a divulgação científica dos e para os mais diversos estágios da vida acadêmica. Esperamos, finalmente, que esta seja a primeira de muitas edições a expressar nosso apreço pela diversidade e riqueza da pesquisa histórica. As muitas *histórias* desta edição, que, assim como em nosso nome, se encontram sempre no plural, são todas elas um convite a buscar a unidade na diversidade. Sendo o presente da revista, podemos dizer que estamos, definitivamente, em tempo de histórias.